

## PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO EM AMBIENTES DE EAD

Maria Taís de Melo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo traz uma reflexão sobre o processo de objetivação e subjetivação de sujeitos inseridos em ambientes de educação a distância. Parte de um marco teórico que concebe o homem como um ser que se constitui em contextos sócio-históricos e culturais, como produto e produtor das relações sociais que permeiam estes espaços. Questões referentes ao conteúdo ideológico impregnado na linguagem e sua importância na compreensão de processos de aprendizagens também são abordados. Este referencial fornece a base conceitual e metodológica para iniciar uma discussão sobre o processo de aprendizagem significativa em EAD e das competências essenciais a serem desenvolvidas pelos ambientes virtuais de aprendizagem, para poderem propiciar condições para que os sujeitos possam se subjetivar dentro dos contextos educacionais onde estão inseridos.

**Palavras chave:** Objetivação, Subjetivação, Educação a Distância.

**Abstract:** This article shows a reflection about the subjectivize and objectifying process of subjects inserted in environments of distance education. Starts from a theoretic mark that conceive the human being as somebody that constitute himself in cultural and socio-historical context, such as product and producer of the social relations that permeate these spaces. Questions relating to the ideological contents impregnated in the language and the importance of this in learning process comprehension are also discussed. This reference provides the methodologic and conceptual basis to beginning a discussion about the significant learning process in "EAD" and the essential abilities for the subjects conditions to subjectivize themselves inside the educational contexts where they are inserted.

**keywords:** objectifying, subjectivize, distance education.

### 1. Introdução

O homem é um ser construído, de modo que a sua condição de humanização só se dá por meio dos outros. Essa humanização recebe diversas denominações, dependendo da perspectiva teórica adotada em seu estudo. Alguns autores, como Freud, a descrevem como personalidade, outros como identidade (LAGO, 1991), ou, ainda, constituição de sujeito (VYGOTSKY, 1991). Em Psicologia Social evita-se o termo personalidade, pois esta denominação implica em idéia de estrutura, de algo estático que não é passível de mudança. O termo identidade também pode dar margem a equívocos, visto que muitos enfoques da Psicologia apresentam concepções diferentes para este termo às vezes definindo-o como sinônimo de personalidade. Na Psicologia Sócio-Histórica o conceito de Identidade ganha um sentido dialético, como pode ser observado em Maheirie (2002, p. 41):

A constituição da identidade tem a marca da ambigüidade, da síntese inacabada de contrários, daquilo que é individual e coletivo, daquilo que é próprio e alheio, daquilo que é igual e diferente, sendo semelhante a uma linha que aponta ora para um pólo, ora para outro.

Neste artigo, abordar-se-á Identidade como um sinônimo de Constituição de Sujeito, visto esta ser entendida como uma construção inacabada, aberta e em constante movimento.

O homem constitui sua identidade socialmente, na relação dialética entre a objetividade e a subjetividade, sendo um ser social que vai se singularizando na cultura. A cultura é uma forma de significar a realidade humana, sendo que estes significados são compartilhados pelo coletivo. Segundo Zanella (2004), a relação que o homem estabelece com a realidade é sempre mediada pela cultura, sendo que esta, à medida que constitui o homem, também é constituída por ele, ou seja, o homem constitui-se subjetivamente apropriando-se da objetividade que o cerca e também objetiva sua subjetividade por intermédio de suas ações, produzindo a cultura.

Sendo assim, cultura é produto do trabalho, da atividade humana objetivada. Ao produzir a cultura, através da ação mediada, o homem, ao mesmo tempo, se objetiva e subjetiva, pois “ao apropriar-se da atividade, o sujeito apropria-se da história humana e imprime a esta sua marca” (ZANELLA 2004, p.132). Segundo esta autora este movimento de objetivação-subjetivação só é possível através da mediação signica. Os signos são instrumentos produzidos pelos próprios homens e subjetivados pelo sujeito. “Via signos a dupla direção da atividade humana se processa, pois na medida em que, por seu intermédio, o sujeito se objetiva e transforma a realidade, ao mesmo tempo transforma a si mesmo e se subjetiva” (ZANELLA 2004, p. 132).

No processo de constituição o indivíduo se apropria, através da mediação semiótica, das significações socialmente e historicamente produzidas e, vivendo em um espaço intersubjetivo e possuindo uma história particular, atribui sentido pessoal para suas experiências. O sujeito torna-se autor e ator, pois transforma o contexto social ao qual está inserido, apropriando-se dos significados produzidos e se constituindo. Ao subjetivar a cultura, o homem acaba por ressignificá-la, baseado nas suas experiências singulares, objetivando algo novo. Assim pode-se entender o homem como produto de sua própria atividade e da atividade de outros sujeitos.

A emoção também ocupa um lugar de destaque nos processos de constituição do sujeito singular, uma vez que a apropriação e posterior ressignificação do que é socialmente produzido é mediada por ela: se a pessoa está triste, o mundo também é percebido com tristeza (MAHEIRIE, 2003). Além disso, o que é percebido pelo sujeito dependerá do que é sentido como necessário no momento, tendo a emoção um papel de destaque nesta seleção.

Verificamos que a gênese social do desenvolvimento pode ser evidenciada através da identificação de mecanismos, pelo que o plano intersubjetivo permite elevar as formas de ação individual. Dessa forma, longe de ser uma mera cópia do externo, o funcionamento interno é resultante de uma apropriação das formas de ação que estão

intimamente interligadas a estratégias e conhecimentos dominados pelo sujeito como, também, a ocorrências no contexto interativo.

Os meios utilizados para colocar limites e/ou interpretar as ações de um sujeito, e os meios empregados por ele para fazer o mesmo em relação à ação do outro, são transformados em recursos para o próprio sujeito regular a sua ação. Dessa relação nasce a auto-regulação, que é fundamento do ato voluntário. Assim fica caracterizado o processo pelo qual o funcionamento do plano intersubjetivo permite criar o funcionamento individual.

É importante ressaltar que os processos de incorporação da cultura e individuação permitem a passagem de formas elementares de ação a formas complexas, mediadas. Assim, as características do funcionamento psicológico, como o comportamento de cada ser humano, são, nesta perspectiva, construídos ao longo da vida do sujeito através de um processo de interação com o seu meio social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes.

## 2. O papel da cultura e da linguagem na construção de conhecimentos em EaD

Em cada meio social as palavras e os gestos dos sujeitos são dotados de significados simbólicos. Desta forma se estabelece uma relação dinâmica entre o sujeito e a cultura.

Quando nos propomos adotar em EAD um referencial que contempla abordagens sócio-históricas, partimos do pressuposto de que a linguagem tem um papel fundamental na constituição social do sujeito. É importante frisarmos que quando nos referimos à palavra “sujeito” é porque buscamos conceber o mesmo na sua integralidade, contemplando desta forma seus aspectos bio-psico-sociais, em processo de constituição, as três instâncias integradoras do humano.

Ideologia e cultura são processos dialéticos que, ao serem internalizados, interferem na dinâmica do desenvolvimento das funções mentais superiores (pensamento, memória, imaginação, etc.). Não podemos perder de vista a perspectiva dialética destas dimensões. Portanto quando nos propomos a discutir aspectos objetivos da subjetivação de sujeitos que participam de processos de educação à distância temos que começar pela reflexão da forma como pode estar sendo internalizada, objetiva e subjetivamente, o próprio termo Educação a Distância.

Neste caminho que busca desvendar significado o diálogo tem um papel fundamental. Para Bakhtin (1990), o diálogo é entendido no sentido mais amplo do termo “[...] não apenas a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo, que seja” (BAKHTIN, 1990, p. 123). Dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar relações dialógicas.

Bakhtin afirma que o domínio do signo coincide com o domínio da ideologia e que estes são mutuamente correspondentes. Tudo que é ideológico possui um significado e

remete a algo fora de si mesmo.

Neste processo a linguagem tem um papel fundamental como instrumento de comunicação e transmissão de significações. Para Bakhtin (1990, p. 66) “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das relações sociais. É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais”.

A língua é inseparável do fluxo de comunicação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal. Os sujeitos não recebem a língua pronta para ser usada; “[...] eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar [...] Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o despertar da consciência.” (BAKHTIN, 1981, p. 108).

Para Bakhtin, a fala, as condições de comunicação e as estruturas sociais estão indissolúvelmente ligadas. Tanto o conteúdo a exprimir quanto sua objetivação externa é criada a partir de um único e mesmo material: a expressão semiótica. Não existe, portanto, atividade mental sem expressão semiótica. Isso significa admitir que o centro organizador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas fora dele, na própria interação verbal. O nosso mundo interior se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos novos caminhos e as orientações possíveis.

Cada época e cada grupo social têm seu próprio repertório de formas de discurso que funciona como um espelho que reflete e refrata o cotidiano. A palavra é a revelação de um espaço, no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se exprimem e se confrontam. “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.” (BAKHTIN, 1981, p. 41).

As contribuições de Bakhtin nos fornecem ferramentas para sermos cuidadosos com a adequação sócio-cultural das expressões e textos da maneira que em geral utilizamos e disponibilizamos em ambientes virtuais de aprendizagem. Precisamos estar atentos aos conteúdos ideológicos das palavras.

Particularmente, concebemos que os fenômenos educativos têm certo grau de distanciamento, seja espacial, temporal ou ambos, pois mesmo as aulas, cursos, currículos ditos presenciais, estão sujeitos a estes aspectos. O currículo não se esgota nas dimensões físicas da sala de aula ou da presença do professor. Outros instrumentos de aprendizagem perpassam este cenário: pesquisas, internet, leituras, entrevistas, filmes, diálogos síncronos e assíncronos, etc. Portanto, o termo 'a distância' para EAD, dentro desta ótica, fica redundante, além de poder dar uma conotação de impessoalidade, levando o sujeito a não se objetivar nesta relação. Eis uma questão a ser revisitada.

Pesquisadores da área como Litto (2006) e Moran (2005), entre outros, em seus textos que refletem incursões históricas pela EAD, apontam a presença de certo grau de resistência por parte de professores, gestores e alunos a inclusão nesta modalidade de ensino/aprendizagem.

Não pretendemos ser ingênuos a ponto de atribuir unicamente a questões ideológicas da linguagem, estas resistências. Outros fatores os quais detectamos através da escuta dos alunos, tutores e professores envolvidos em processos de EAD merecem uma análise de conteúdo transversal, como nos ensina Bardin (1997). Antes, porém, se faz necessário ressaltar que o referencial teórico que norteia nossa intervenção no âmbito da pesquisa, ensino e extensão, funciona como uma *ferramenta arqueológica*, semelhante à proposta por Foucault (1986) na análise do discurso, para o enfrentamento dos problemas que passamos a enfrentar na prática cotidiana.

Na tridimensionalidade ao qual costuma estar atrelado o professor universitário-ensino, pesquisa e extensão - o diálogo pode se constituir em uma ferramenta imprescindível para detectar problemas e vislumbrar alternativas para suas soluções. Ter uma referência que norteie nosso olhar para a dimensão complexa da constituição social do sujeito e conseqüente processo de individualização do mesmo, além de estratégias metodológicas para intervenção autoral e pedagógica, torna-se fundamental para que possamos agir criticamente e criativamente na arena complexa da educação.

Neste contexto, trazer a linguagem audiovisual para o domínio da educação é uma necessidade que se apresenta, tanto pelo fato de sua centralidade no domínio do pensar e sentir dos sujeitos envolvidos no processo educativo, quanto pela sua constante presença no mundo contemporâneo, moldando novas formas de apreensão da realidade. As novas gerações estão imersas nas vias audiovisuais, principalmente as televisivas.

O homem do fim do milênio se *forma* e se *informa* através da interação com o audiovisual. Cinema, televisão, vídeo, Internet, cd-rom, simuladores visuais, telas interativas, out-doors; é o mundo das imagens penetrando no universo mental das pessoas vinte e quatro horas por dia, até mesmo em seus tempos/espacos mais ocultos. Nem mesmo o ambiente dos sonhos escapa à influência das imagens e dos sons eletrônicos que nos rodeiam e nos "perseguem". São os dispositivos audiovisuais remodelando o consciente e o inconsciente dos indivíduos. As imagens mentais passam a ser constituídas não apenas em função dos sentimentos e daquilo que se vê, ao vivo, mas pelo que se assiste nas telas vivas da vida. (NOVA, 1999, p. 32).

Vivemos num mundo saturado de imagens e sons. Com a imagem entramos em uma nova etapa histórica, passamos de uma sociedade verbal para uma sociedade visual e auditiva.

Segundo Lévy ( 1998, p. 15 )

Enquanto o tempo destinado à leitura tende a diminuir entre as novas gerações, verifica-se que o tempo destinado a assistir à televisão e ouvir música gravada não pára de crescer. O livro cada vez mais deixa de ser o vetor de emoção, de sonho e de diversão que era em tempos atrás. O papel impresso encontra-se progressivamente relegado à função utilitária de transmissão de informação e divulgação de conhecimentos técnicos ou científicos.”

Continuando esta discussão, Babin (1989, p. 98-9) afirma que:

O modo de compreensão preferencial induzido pelo audiovisual é mesmo o processo do tipo analógico no qual o homem, por uma compreensão global, plurissensorial, apreende o mundo que é dado aos seus sentidos, em sua complexidade e em sua ambigüidade.

Dentro desta ótica os autores acima citados nos levam a inferir que na apreensão de elementos por via audiovisual as imagens são, em geral, percebidas muito mais rapidamente do que os textos; a memorização das imagens é, geralmente, melhor do que a das representações verbais; a maior parte dos raciocínios espontâneos utilizam a simulação de modelos mentais, freqüentemente imagéticos, muito mais do que cálculos (lógicos) sobre cadeias de caracteres; as representações icônicas são independentes das línguas e por isso eliminam parte das dificuldades de tradução.

Nesse sentido,

O contato com o universo áudio-imagético constitui uma via privilegiada, evidentemente não a única, para a concretização do processo de construção do conhecimento. Mas não se trata, todavia, de utilizar o audiovisual como extensão da fala ou da escrita, como ocorre com alguns produtos áudio-imagéticos destinados à educação, mas como linguagem própria que desencadeia, no homem, mecanismos cognitivos singulares. Há fortes indícios de que todo esse processo verificar-se-á de forma muito mais intensa quando os discursos áudio-imagéticos ultrapassarem os limites dos audiovisuais clássicos, incorporando em suas características o potencial interativo, conectivo, coletivo, hipertextual e plurissignificativo já presentes virtualmente nas novas tecnologias de informação e comunicação.” (NOVA, 1999, p. 27 )

Nessa perspectiva, como afirma Preto (1995, p. 99):

O analfabeto do futuro será aquele que não souber ler [e acrescento o produzir] as imagens geradas pelos meios de comunicação. E, isso não significa apenas o aprendizado do alfabeto dessa nova linguagem. É necessário compreender que esse analfabetismo está inserido e é consequência da ausência de uma *razão imagética*, que se constitui na essência dessa sociedade em transformação.

Os processos educativos não podem ilhar os alunos, não podem ser diferentes da vida. O aluno que consegue auto-expressar-se tornando seus os conteúdos e recriando-os através dos meios das diferentes linguagens (verbal, visual e sonora) passa do status de receptor passivo ao de perceptor ativo no processo educacional.

### 3. A aprendizagem e a construção de competências em EaD

O referencial teórico até aqui delineado nos fornece algumas ferramentas para entrarmos no terreno da aprendizagem e construção de competências em Educação a Distância. Partimos do pressuposto de que o comprometimento subjetivo do aluno com o processo de aprendizagem implica em grande parte em quanto ele, como sujeito, identifica-se com os valores e objetivos do curso que está frequentando e com as mídias disponíveis no processo, no caso de EAD. Isto diz respeito ao vínculo estabelecido entre o sujeito e a proposta político-pedagógica do curso. Estes aspectos representam questões concernentes ao que podemos chamar de contrato psicológico/pedagógico, ao qual estará vinculada a motivação e a construção de conhecimentos que podem possibilitar o desenvolvimento de competências múltiplas.

Dentro desta perspectiva é comum o entendimento de que o vínculo pode surgir quando o sistema de ensino responde de alguma forma satisfatória às necessidades e expectativas dos sujeitos. Outro pensamento complementar e corrente refere-se ao interesse do aluno em permanecer e dedicar-se às atividades de aprendizagem. Portanto a participação pressupõe o comprometimento ou o empenho por uma causa ou projeto de vida.

O alcance dos objetivos propostos pelos cursos na modalidade de EAD, dentre eles ressaltam-se a inclusão social e a aprendizagem significativa, depende em grande parte do envolvimento ativo dos participantes e dos professores (mediadores, tutores etc.) – estes que precisam, segundo, Vygotsky, serem sujeitos “mais experientes” para poderem fazer sua inserção na zona de desenvolvimento proximal dos alunos. O perfil deste profissional deve ser de um mediador, alguém que está atento às necessidades do aluno e caminha com ele, promovendo a interação através do diálogo. Não percamos nunca de vista que a linguagem é o principal instrumento de mediação.

Quando nos referimos à necessidade do professor ser “mais experiente” estendemos esta necessidade também a tutores. Tutores generalistas, mesmo que dominem as ferramentas de gestão da informação nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), precisam saber mais do que os alunos sobre o tema que está sendo estudado. Este requisito é indispensável para que haja um processo de aprendizagem o qual permita ao aluno saltar da zona de desenvolvimento real (aquilo que ele já sabe fazer sozinho), para a zona de desenvolvimento potencial (o que poderá fazer com a mediação de um sujeito mais experiente). Em processos que contam com maior intercâmbio entre os participantes, colegas mais experientes, em determinados aspectos, cumprem, ainda que em parte, o papel dos mediadores, tutores e professores em EAD.

Compreender o processo de subjetividade individual e as características culturais internas e externas ao processo ensino/aprendizagem é essencial para a compreensão do processo de construção de conhecimentos.

Em EAD, focamos freqüentemente o processo de inclusão social, mas, para isto, é preciso que haja investimento na formação de profissionais. Para que estes futuros mediadores possam ter a oportunidade de desenvolver estruturas cognitivas que permitam o aflorar de competências para que possam se constituir em 'sujeitos mais experientes' capazes de mediar processos de construção de saberes e competências de outros sujeitos, carecem de tempo e recursos variados.

As universidades, de uma maneira geral, têm grande responsabilidade neste sentido. A partir de 2005, principalmente com a deflagração do Projeto Universidade Aberta, o potencial de demanda por profissionais com perfil para a gestão e autoria de programas em EAD tende a se intensificar, além das demandas geradas nos programas já pré-existentes nas Universidades das redes pública e privada do país:

A UBA foi deflagrada pelo Ministério da Educação, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior a distância, em caráter experimental, visando sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes as políticas públicas voltadas para a ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil. O Sistema Universidade Aberta do Brasil é uma parceria entre consórcios públicos nos três níveis governamentais (federal, estadual e municipal) à participação das universidades públicas e demais organizações interessadas.

Para a consecução do Projeto UAB o Ministério de Educação, através da Secretaria de Educação a Distância – SEED, lançou o Edital N° 1, em 20 de dezembro de 2005, com a Chamada Pública para a seleção de pólos municipais de apoio presencial e de cursos superiores de Instituições Federais de Ensino Superior na Modalidade de Educação a Distância para a UAB. [www.uab.mec.gov.br](http://www.uab.mec.gov.br)

Dando seqüência a este projeto foi assinado, Pelo Presidente da República, o Decreto n. 5.800 de 08 de junho de 2006, onde fica instituído o Sistema UAB, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País.

Este espaço precisa ser ocupado com urgência pelas universidades que estão tendo que se adaptar em um tempo muito curto a uma crescente demanda que se apresenta. Ao entramos nos sítios das principais universidades públicas verificamos o aumento de abertura de processos seletivos emergenciais para tutoria e para acesso a carreira docente na área de EAD.

Este momento requer reflexão, por nós aqui proposta, alicerçada na teoria Vygotskyana. Temos que ter bem definido qual o perfil de profissionais que o momento

está exigindo. Precisamos de mediadores, sujeitos com o desenvolvimento de habilidades suficientes para contribuir neste momento histórico que exige habilidades de autoria, inovação e porque não dizer audácia. Ressaltamos estas competências, pois acreditamos que uma estratégia, que tem grande probabilidade de contribuir nos programas de EAD no momento atual, passa pela sensibilidade teórico-conceitual e capacidade técnica de construir ambientes virtuais, ou personalizar os já existentes, em espaços-lugares que possibilitem a um sujeito, ao entrar em uma plataforma como seu Login e Senha, realmente se objetivar neste espaço, sentir-se *materializado*, torná-lo lugar, sem perder a perspectiva da destotalização abordada por Lévy na obra *Cibercultura*.

Segundo Lévy (1999), o desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão de redes interativas - quer se queira ou não -, colocam a humanidade diante de um caminho sem volta: já não somos como antes. As práticas, atitudes, modos de pensamento e valores estão, cada vez mais, sendo condicionados pelo novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores: o ciberespaço. Esse é o ponto de partida de Pierre Lévy para estudar as implicações culturais engendradas pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

O livro *Cibercultura*, lançado em 1999 no Brasil, traz um conceito de cultura novo se comparado aos tempos da oralidade primária e da escrita. Para o autor a cibercultura é universal porque promove a interconexão generalizada, mas comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade. Em outras palavras: a interconexão mundial de computadores forma a grande rede, mas cada nó dela é fonte de heterogeneidade e diversidade de assuntos, abordagens e discussões, em constante renovação.

O estudo dos processos de aprendizagem tem conduzido, na história da psicologia e outras áreas do conhecimento humano, a diferentes conclusões e até mesmo intensas polêmicas.

Contudo, pode-se ter como ponto de partida segundo Melo (2003), que os processos de aprendizagem ocorrem primeiro no plano objetivo e através da mediação, das interações, eles se subjetivam. Estes processos de aprendizagem mediados ao serem internalizados passam a orientar as ações dos sujeitos, pois acabam alterando seus esquemas cognitivos.

Ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) podem possibilitar o acompanhamento e avaliação do processo ensino/aprendizagem através de vários indicadores, como por exemplo nas evidências de processos de descoberta e correção de erros, erros aqui entendidos como dúvidas, desvios de rotas, que devem ser esperados e acolhidos com propostas problematizadoras, na tentativa de compreensão do processo, da inovação, da criação, enfim na modificação das estruturas cognitivas. Os gestores que aprendem a fazer a análise do conteúdo das interações e dificuldades dos alunos têm muito mais probabilidade e instrumentos para promover os ajustes necessários, ou melhor, as adequações sócio-históricas, conceituais ou metodológicas que se fizerem necessárias.

Os padrões de interação tendem a ser momentos significativos para a análise de conteúdos, as conversas nos *chats*, as manifestações nos fóruns, podem revelar as histórias que perpassam no implícito das relações, os conflitos manifestos, enfim as formas como os sujeitos estão transitando no AVA, e de uma maneira mais ampla, permitem visualizar aspectos da cibercultura.

A aprendizagem significa muito mais do que a simples troca de informações e a capacidade de estabelecer relações, isto é apenas um primeiro degrau. Na verdade o sujeito se transforma quando aprende, este processo é dialético, pois aprendizagem e desenvolvimento são instâncias interdependentes.

AVAs voltados para a aprendizagem significativa, entendida aqui como a capacidade do sujeito construir conhecimentos, internaliza-los e fazer uso do mesmo no seu contexto, precisa ter mecanismos que oportunizem aos mediadores canais de comunicação síncronos e assíncronos, dialogo franco, entendimento dos fatos em interdependência sistêmica em torno dos objetivos pedagógicos. Dentro desta perspectiva a objetivação dos processos de aprendizagem é diretamente proporcional a capacidade do sistema em refletir sobre as variáveis observadas e sua rapidez em intervir no processo, procurando atender dinamicamente às demandas apresentadas e detectadas.

Uma maneira de possibilitar os sujeitos que se objetivem e conseqüentemente se subjetivem em AVA é permitir que os mesmos participem de tomadas de decisões. Participação ativa conduz a interações, possibilita construção de conhecimentos, desenvolvimento de competências e é uma grande oportunidade para se atingir comprometimento com as ações acordadas (forma de avaliação, expectativas quanto ao conteúdo teórico, dúvidas, medos, formas de comunicação, horários de encontros síncronos, etc.). Logo, participação tem um valor estratégico, porque estabelece condições propícias para a aprendizagem e mediação do processo educativo norteado pelas competências essenciais definidas em conjunto com os próprios sujeitos.

O termo competências essenciais está sendo empregado neste texto como um conjunto de aptidões e recursos pedagógicos que permitam ao AVA oferecer benefícios reais aos participantes, ou seja, agregar valor ao fato de estarem inseridos no processo.

Reconhecer estratégias consistentes para o enfrentamento das dificuldades encontradas no cotidiano do exercício da mediação pedagógica se constitui na procura de uma tecnologia. Segundo Carvalho Neto (2005), tecnologia significa solução, não podendo ser confundida como sinônimo de mídia ou técnica. Ela se constitui no produto final, na solução aproximativa para um dado problema. Esta tecnologia nunca é definitiva, pois como o conhecimento é algo que está sempre em movimento, também as soluções tendem a acompanhar a dinâmica das necessidades que se apresentam.

As competências essenciais do sistema podem ser avaliadas pelo nível de envolvimento e de dificuldades apresentadas pelos sujeitos no decorrer do processo. Instrumentos de avaliação que permitam ao sujeito extrapolar da mera programação de responder a provas objetivas, de múltiplas escolhas ou simples certo ou errado, para avaliações que permitam se subjetivar no processo, podem se constituir em estratégias

significativas nos processos de intervenção pedagógica. Demo (2001) sinaliza em sua obra “Educar pela Pesquisa”, que possibilitar aos alunos o contato com a pesquisa como forma de investigar o mundo é uma estratégia poderosa de desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e éticas. Quando os alunos estão envolvidos em projetos de pesquisa, o professor mediador pode estar acompanhando as etapas de desenvolvimento de propostas, podendo intervir proximalmente e conhecer através destas interações o andamento do processo individual de aprendizagem de seu aluno. Segundo Melo (2003), os tempos de aprendizagem são assíncronos, pois estão relacionados a questões subjetivas. Possibilitar que o aluno se objetive (materialize-se, sintá-se parte de) é importantíssimo, mas a subjetivação é um processo mais profundo, pois demanda um tempo interior de apropriação desta nova materialidade e conseqüente mudança de esquemas cognitivos para responder esta nova realidade objetiva.

Quando um sujeito atinge a etapa de subjetivação no processo de ensino aprendizagem eis que a consciência de si e do mundo extrapolam os limites físicos do AVA.

*A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes [...] naturaliza-se. Despegado de seu meio vital, por virtude da consciência, enfrenta as coisas objetivando-as; é enfrentando-se com elas, que deixam de ser simples estímulos, para se tornarem desafios. O meio ambiente não o fecha, limita-o - o que supõe a consciência do além-limite. Por isto, porque se projeta intencionalmente a consciência, além do limite que tenta encerrá-la, pode a consciência desprender-se dele, liberar-se e objetivar, transsubstanciando o meio físico em mundo humano(...) O mundo é espetáculo, mas, sobretudo convocação. E como a consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicadamente, apresentação e elaboração do mundo. (FIORI in FREIRE 1987, p. 14).*

#### 4. Considerações Finais

Verifica-se que uma estratégia para proporcionar condições para a objetivação e subjetivação dos sujeitos em EAD é escutar a voz do cursista e seguir o seu olhar. A educação hoje se apresenta como uma proposta mais complexa e diferente do que no passado e uma das formas de se iniciar esse processo de mudança nas políticas de gestão é ouvir o ponto de vista dos alunos sobre elas. Trazer a voz do aluno deverá ser a principal meta dos modelos de educação que estão se alicerçando hoje.

Escutar as falas, analisá-las e propor uma categorização das mesmas revela a intenção de uma escuta genuína, sem partir de pressupostos, sem usar parâmetros previamente definidos. Essa intenção talvez possa ser definida através da metodologia sugerida neste artigo: uma metodologia cuja hipótese central é o dialogo e a análise do conteúdo destas falas, bem como estar atento aos outros indicadores presentes no AVA.

Pensa-se que a ação inicial de mobilização do aluno nos AVAs poderia ser efetuada pelo próprio Projeto Político Pedagógico da Instituição, o qual deverá compreender o Currículo de uma forma abrangente, vendo-o como o conjunto de todas as atividades realizadas com os alunos. Esse currículo deverá ter a forma de uma matriz curricular (ser aberto e flexível às problemáticas que envolvem o contexto em que os alunos estão inseridos) e não uma grade curricular (aonde os conteúdos vêm prontos de forma rígida e unilateral). Esta postura, mais flexível, de currículo aberto, pode contribuir para que o aluno desenvolva uma visão de proximidade entre o ensino a distância e o presencial, pois poderemos evidenciar o que já enfatizamos no corpo deste artigo: que há certo grau de distanciamento, físico, temporal ou ambos em todas as modalidades pedagógicas (presencial - semipresencial e a distância).

Com relação à adoção de estratégias midiáticas em AVA, destaca-se a importância e crescente viabilidade técnica na utilização de vídeo, como produção de informação alternativa. Vivências, com mídias interativas como o vídeo, irão facilitando a aproximação dos alunos com outras formas de modalidades de ensino, principalmente os ambientes virtuais.

O vídeo, quando bem utilizado, se revela como um meio particularmente útil para a estimulação das interações entre os membros de um grupo ou coletividade. Permite envolver professores e alunos em um projeto comunitário, por exemplo, no qual se modificam conjuntamente os papéis. Dessa forma, o vídeo se converte em um lugar de encontro, seja durante a gravação ou durante a difusão. A função motivadora pode ser feita de diversas maneiras como, por exemplo, criando-se interrogações a respeito de temas conflitivos, criando ou gravando entrevistas, promovendo pesquisas no bairro, etc. Em âmbito presencial, a função expressiva pode se abrir em múltiplas possibilidades: dramatizações com base em adaptações criativas de obras alheias, dramatizações a partir de roteiros próprios, narrações de todo tipo; etc.

A mídia vídeo permite o erro, e por isso facilita e estimula a experimentação, o ensaio e a busca. Impõe-se como um desafio que tem como parâmetros principais, no caso de AVA, por um lado a compactação de informações e por outro do aumento progressivo nas bandas de operação para transmissão de dados via internet.

Não podemos esquecer que o entusiasmo é um requisito indispensável para a motivação, a qual por sua vez, impõe-se como condição indispensável para a aprendizagem significativa.

É necessário estar atento à questão da essência da relação entre os sujeitos envolvidos no ato educativo. Acredita-se que a aprendizagem transita entre a teoria, a prática e as interações no ambiente e que a mesma se pauta nas seguintes premissas: as dimensões sócio-afetivas devem se unir às dimensões cognitivas a fim de que os sujeitos possam iniciar seu processo de construção do conhecimento. Em outras palavras, o currículo deve propiciar condições para que o aluno se desenvolva na sua integralidade, vendo-o como sujeito cognitivo, afetivo e social. (MELO, 2005).

Com relação ao uso de recursos midiáticos na educação, precisa-se desenvolver um novo olhar sobre ambientes interativos mediados por computadores. Esses ambientes só podem auxiliar no processo de construção do conhecimento se por trás de sua implementação houver um profundo conhecimento da comunicação humana. Precisamos lembrar que pouco adianta os sofisticados recursos informáticos, a complexidade envolvida nas linhas de programação e a estética das interfaces se o aluno de um curso online, por exemplo, se sinta preso e com sérias dificuldades para interagir, tirar dúvidas, etc.

O sucesso de todo e qualquer ato comunicativo, seja ele no processo de comunicação interpessoal, seja no processo de comunicação coletiva, reside preliminarmente no conhecimento dos próprios ingredientes que integram o ato de comunicação.

A internet como ferramenta de aprendizagem é um trabalho-em-processo. Grande parte do progresso que tem chegado juntamente com novas maneiras de comunicação são tornadas possíveis pela própria internet. O valor educacional dessas informações dependerá do uso que se fizer das mesmas. Para se ter alunos exploradores, precisa-se de ambientes de aprendizagem que estimulem a sua exploração e atendam as necessidades objetivas dos sujeitos envolvidos.<sup>ii</sup>

É importante ressaltar que existe uma multiplicidade de saberes que circulam pelos diversos canais midiáticos e que a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber. Essa diversidade e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

Assumindo a dimensão AVA, como uma das dimensões estratégicas da cultura, explorando as várias formas de linguagem, entre elas as audiovisuais, a educação tem grande chance de inserir-se de novo no processo de mudanças em curso em nossa sociedade e interagir com os campos sócio-históricos em que se processam essas mudanças.

A educação avançará na medida em que seja capaz de ajudar no processo de desenvolvimento de sujeitos autônomos. Frente a uma sociedade que massifica

estruturalmente, que tende a homogeneizar, inclusive quando cria oportunidades de inclusão, a possibilidade de exercitarmos nossa cidadania é diretamente proporcional ao desenvolvimento de sujeitos livres, tanto interiormente como em suas tomadas de posição.

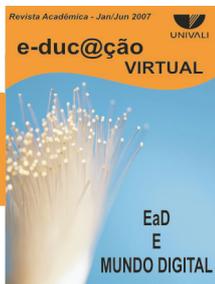
## 5. Referências

BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. **Os novos modos de compreender**: a geração do audiovisual e do computador. Paulinas. São Paulo, 1989.

BAKTHIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Hucitec. São Paulo, 1981.



- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa. 1997.
- CARVALHO NETO, C.Z. **Por uma pedagogia vivencial**. In Revista Direcional Escolas. Ed. 07. 2005.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Autores Associados, 5a ed. Campinas, 2001.
- FIORI, E.M. Aprender a dizer a sua palavra. In. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra. 34 ed. Rio de Janeiro. 1987.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. Loyola, São Paulo, 1986.
- FREUD, S. **Obras completas**. Imago. Rio de Janeiro. 1972.
- LAGO, M.C.de S. **Modos de vida e identidade**. Tese de Doutorado. UNICAMP. São Paulo. 1991.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, P. **A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?**. São Paulo: Loyola, São Paulo. 1998.
- LITTO, F.M. **Educação a Distância e o futuro da aprendizagem**. In. Revista Direcional Escolas. Ed. 13, São Paulo. 2006.
- MAHEIRIE, K. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade**. Interações, São Paulo/SP, v. 7, n. 13. 2002.
- MAHEIRIE, K.. **Processo de Criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky**. Psicologia em Estudo, Maringá-PR, v. 8, n. 2. 2003.
- MATTOS, R.M.; Castanho, M.I.S.; Ferreira, R.F. (2003). **Contribuição de Vygotsky ao conceito de identidade: uma leitura da autobiografia de Esmeralda**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia [on line]*. Rio de Janeiro. v.3, n. 1. Disponível em: [www2.uerj.br/~revispsi/v3n1/artigos/artigo8v3n1.html](http://www2.uerj.br/~revispsi/v3n1/artigos/artigo8v3n1.html). Acesso em 13/04/2006.
- MELO, M.T. **Filhote de Homem: aspectos sociais, cognitivos e psicológicos**. IGGE. São Paulo. 2005.
- MELO, M. T. **Aprendizagem Significativa**. In Revista Abceducatio. Número 19. São Paulo. 2003.
- MORAN, J.M. **Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil**. 2005. [www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm)



NOVA, C. **Novas lentes para a história:** uma viagem pela construção da história e pelos discursos áudio-imagéticos. Dissertação de Mestrado. UFBA. Bahia. 1999.

PRETTO, N. **Uma escola sem/com futuro.** Papirus, São Paulo. 1995.

REGO, T. C. **Vygotsky. Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** RJ: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas:** Problemas de psicologia general. Visor. Madrid. 1991.

ZANELLA, A. V. **Atividade, significação e constituição do sujeito:** considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1. 2004

ZANELLA, A. V.; BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S. **Re-criar a(na) renda de bilro:** analisando a nova trama tecida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 3. 2000.

<sup>i</sup>Mestre em Psicologia e Doutora na área de Mídia e Conhecimento pelo PPGEF da UFSC. Profa. de Psicologia da Aprendizagem do curso de Pedagogia da UNIVALI-SC. Diretora de Educação do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE). Consultora Educacional.

<sup>ii</sup>Aproveitamos este momento para convidar os leitores a visitarem um projeto piloto de um Portal Educacional ([www.aulainteligente.com.br](http://www.aulainteligente.com.br)) que desenvolvemos a convite de uma empresa educacional que se candidatou a um edital público do Estado da Bahia em 2005, para atender a 2500 professores e 125.000 alunos, do ensino médio, de 50 escolas. O Edital delimitava uma série de requisitos que precisariam ser obedecidos e dava um panorama da clientela a ser atingida. Como o Portal não era propriedade da empresa e sim do Instituto Galileo Galilei para Educação, continuamos a trabalhar no aperfeiçoamento da ferramenta, após o término do processo de licitação. Este AVA é a matriz para os cursos de educação a distância oferecidos por esta ONG. Salientamos que a maior preocupação do edital era com a interatividade e com ambientes de simulação, pois os cursos da área de ciências da natureza, matemática e suas tecnologias apresentavam carência de mídias de simulação. Todos os simuladores apresentados no portal são inéditos, de autoria da equipe que se dedicou à estruturação do mesmo. Nosso papel específico foi de concepção e desenvolvimento tecnológico do portal 'Aula Inteligente.'